

Música: A partilha e a confiança no trabalho artístico, no voltar a tornar-se pessoa

Entrevista ao artista mediador Carlos Xavier

ANTÓNIO ÂNGELO VASCONCELOS

antonio.vasconcelos@ese.ips.pt

Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação
CIPEM-INET-md, Centro de Investigação em Psicologia da Música e Educação Musical, Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudo em Música e Dança, polo Instituto Politécnico do Porto

ANA LUÍSA OLIVEIRA PIRES

ana.luisa.pires@ese.ips.pt

Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação
CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais

GINA C. LEMOS

gina.lemos@ese.ips.pt

Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação
CIEd - Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho

Resumo

A entrevista ao artista - mediador Carlos Xavier foi realizada no âmbito Projeto “Investigar e avaliar o projeto ReCriar-Se” desenvolvido na Cáritas Diocesana de Setúbal com um conjunto de participantes em situação de sem abrigo. A entrevista evidencia as conceções do artista-mediador sobre os papéis das artes, em geral e da música em particular, com públicos em situações de exclusão, os processos de trabalho desenvolvidos em termos pessoais, sociais e artísticos bem como a sua perceção sobre os principais contributos do “Recriar-se” para as pessoas envolvidas e para a comunidade.

Palavras-chave:

Projeto Recriar-se, Música e Inclusão, Bem-Estar, Práticas Artísticas Participativas, Comunidades.

Abstract

The interview with the artist-mediator Carlos Xavier was conducted within the scope of the project “Investigating and evaluating the ReCriar-Se project,” developed at Cáritas Diocesana de Setúbal with a group of homeless participants. The interview highlights the artist-mediator's conceptions about the roles of the arts in general, and music in particular, with audiences in situations of exclusion, the work processes developed in personal, social, and artistic terms, as well as his perception of the main contributions of “ReCriar-se” to the people involved and to the community.

Key concepts:

Recriar-se Project, Music and Inclusion, Well-being, Participatory Artistic Practices, Communities.

.

Da formação e da intervenção artística e profissional

Entrevistador(a) A primeira questão que eu gostaria de colocar era, qual é a tua formação, do ponto de vista académico, artístico....

Carlos Xavier: A nível académico, a licenciatura é em Educação Musical e o mestrado na mesma área, na vertente de ensino. A nível artístico é um bocado subjetivo. A definição do que é que é um artista. Mas nesse sentido, posso dizer que desenvolvo um trabalho como músico profissional há mais de 25 anos e nessa lógica de músico, além de compositor, também sou produtor musical. Já produzo há mais de 15 anos para artistas e bandas e projetos próprios e também faço direção musical, orquestração, para além de outras competências a nível de engenharia de som, que tenho desenvolvido ao longo do tempo, a nível de som de software e de hardware. Como músico, fui desenvolvendo ao longo dos anos mais a prática de teclado, piano, sintetizadores, mas ao mesmo tempo outros instrumentos com o intuito de poder utilizá-los para formar outras pessoas. Era importante trabalhar outros instrumentos para ter uma outra visão e a partir daí poder adaptar essa lógica.

Entrevistador(a): E tens trabalhado muito com músicos portugueses, estrangeiros, diferentes tipos de música?

Carlos Xavier: Sim, ao longo deste tempo todo. Maioritariamente são músicos portugueses. A nível estrangeiro, com algumas participações na Índia com citaristas, tablistas, cantores de diversas origens da Índia. Isto tem a ver com um projeto que eu fiz com o António Chainho de Lisboa, em que fiz a produção desse disco, com ajuda também da embaixada da Índia, do Instituto Camões e do Museu do Oriente. Isso envolveu a necessidade de abranger várias regiões da Índia, conhecer esses artistas e trabalhar com eles. Por outro lado, também no Brasil, com uma participação com o Ney Matogrosso e com a Virgínia Rosa e em Espanha também com uma cantora galega.

Entrevistador(a) : Alguns desses projetos têm alguma natureza social ou comunitária ou eram intervenções educativas e artísticas?

Carlos Xavier: Esses projetos eram de intervenções artísticas (esses que estamos a falar). De intervenções educativas/ comunitária são outros projetos que eu tenho desenvolvido ao longo deste tempo, principalmente com a APPACDM ao longo dos últimos 10 anos. Há um trabalho consecutivo com eles, e também estive envolvido no Festival de Música de Setúbal. Neste caso, tinha a ver com a questão de integrar miúdos/adultos numa lógica de pessoas participantes com outras pessoas ditas “regulares”. Ou seja, o objetivo não era que eles fossem vistos como pessoas com limitações físicas ou neurológicas, mas que o

público não se apercebesse disso. E esse foi o projeto ao longo de vários anos.

Agora continuo com a APPACDM, mas não no Festival de Música de Setúbal. Apoio, compondo já há mais de três ou quatro anos, as marchas da APPACDM e conseguimos este ano [2023] que fossem patrocinadas pela Câmara [...] e participaram no desfile com outras coletividades. Para além disso, também há um trabalho com a Universidade Sénior do Montijo que desenvolvi durante cinco anos, dentro dessa lógica comunitária/voluntariado que foi interessante e também deu origem a um CD. Também tenho algumas participações na Guarda com casas de abrigo, com coisas que me vão pedindo pontualmente.

As práticas artísticas e o desenvolvimento pessoal e comunitário

Entrevistador(a): Tendo em conta essa tua experiência alargada em campos diferenciados: do teu ponto de vista, de que modos é que as práticas artísticas podem contribuir, digamos, para o desenvolvimento pessoal, para inclusão social e para o bem-estar das pessoas?

Carlos Xavier: Essa é uma questão relativamente difícil, mas considero de todos os modos possíveis, porque as práticas artísticas bem-sucedidas [...] [que a] prática artística seja apresentada para alguém e nesse sentido, tem de ter um retorno que é o feedback de quem assiste.

[...]

Entrevistador(a): E como é que isso ajuda?

Carlos Xavier: Ajuda no sentido de quando tu trabalhas com alguém ou arranjas uma maneira de proporcionar uma boa experiência em que a pessoa se sinta confortável e que se sinta confiante e que mesmo que falhe isso não é um motivo de preocupação porque é normal, principalmente aquelas que se dão a apresentar a um público é um ato de coragem. Perante isso, nós conseguimos desmontar esta questão da ansiedade e do stress. Por isso é que eu digo que são as práticas artísticas bem-sucedidas que ajudam: estimulam a felicidade, a autoestima, a autoconfiança, a autoimagem. Por outro lado, têm uma dimensão de partilha pela comunidade, ou seja, quando nós partilhamos algo, também temos um retorno. E isso é muito importante, [uma vez que] por vezes o retorno é maior do que a partilha e para além disso, estimula a memória, porque as estruturas musicais têm uma lógica que até é muito matemática e pode ser trabalhada e essas conexões que fortalecem a memória também podem ser, e vão ser transportadas para o quotidiano da vida das pessoas na forma como se organizam. Ou seja, aquilo ajuda também a organizar o pensamento. Nesse sentido, as práticas artísticas são muito importantes na vida de qualquer

pessoa.

Entrevistador(a): E tu falaste há bocadinho nesse contributo e nessa reciprocidade entre a apresentação pública, aquilo que se dá aquilo que se dá e se recebe. Do teu ponto de vista estas práticas artísticas podem contribuir para o desenvolvimento comunitário, das várias comunidades, onde se as coisas se desenvolvem?

Carlos Xavier: Concordo com isso, claro que sim. O facto de as pessoas se darem a conhecer à comunidade e serem validadas pela comunidade faz com que muitas vezes as pessoas das próprias comunidades queiram participar nos projetos e isso cria, no fundo, uma rede, uma network que começa a ficar mais fortalecida porque acrescenta novos inputs das pessoas que vêm de fora e muitas vezes até convidam pessoas que não são da comunidade. Ou seja, vêm assistir, é uma coisa informal, não tens de participar, não tens de dançar e de repente há pessoas de fora que sentem que há ali um chamamento que as leva a dizer “eu aqui sinto-me bem, sinto-me confiante neste projeto, quero participar” e isso faz com que a rede seja ampliada. Nesse aspeto, obviamente fortalece a comunidade e não só e, portanto, o círculo maior que é o círculo externo à comunidade. Por vezes a comunidade está fechada em si própria, por exemplo, o caso da Cáritas era esse, era uma comunidade fechada em si própria, estou a falar a nível de organização e os próprios participantes (as pessoas que são assistidas na Cáritas e que estavam na rua) tinham uma comunidade muito fechada e neste momento essa comunidade já foi ampliada entre os técnicos, assistentes e as pessoas que são suportadas pelo Estado e pela Cáritas como IPSS. Esse círculo tornou-se um círculo mais lato no sentido das ligações que fizemos com a sociedade, com a Câmara Municipal, com os bairros, com a comunidade do Instituto Politécnico de Setúbal, também com empresas, de pessoas que de repente fazem patrocínios. Um exemplo: através deste projeto, voluntariamente, um conjunto de empresas de desporto ofereceram fatos de treino, ténis, roupas, etc. Porque assistiram e lá está, foi uma coisa que não foi pedida, mas foi oferecida.

[...]

O Projeto de intervenção artístico-social: o Recriar-se

Entrevistador(a): Por favor, Carlos, diz-nos, desde quando é que estás envolvido no projeto Recriar-se, o histórico. Como é que te envolveste? Porque é que te envolveste neste projeto?

Carlos Xavier: Eu envolvi-me neste projeto desde 2014, por estar desencantado com a ESE de Setúbal. Sou professor na ESE e já explico porque é que estava desencantado. Eu

dava aulas a uma licenciatura que já acabou, que era Promoção Artística e Património, numa disciplina que era Projeto 2, salvo erro. E nessa Unidade Curricular os alunos tinham que desenvolver projetos e já na altura tinham este tracking de intervenção. Aliás sempre fizemos isto com LEB (Licenciatura em Educação Básica) e até no curso de Música já tínhamos muita ligação com a comunidade. Era uma coisa que não era nenhum esforço, não era nenhuma novidade. E alguns alunos dessa turma fizeram um projeto na Cáritas, de requalificação do jornal local. Isto foi em 2014. Era um jornal muito fraco, com participações de algumas pessoas da comunidade de fora, como a psicóloga, a assistente social..., mas era muito pior do que o Gaiato e essas coisas. E, entretanto, eles conseguiram fazer esse trabalho e na altura eu pedi-lhes que apresentassem o novo layout com a comunidade da Cáritas na ESE, na sala de Drama e vieram, entre os quais, algumas pessoas em posição de sem abrigo que também escreviam no jornal. E nesse dia eu convidei a Universidade Sénior para oferecer um concerto para essa comunidade e criámos logo ali uma relação entre as pessoas da Universidade Sénior com aquela comunidade que à partida não se dariam. No final dessa intervenção e da apresentação, tivemos uma conversa informal e eu perguntei-lhes o que é que eles gostariam de ter e eles disseram que gostariam de aprender música [...]. Nesse dia eu comprometi-me com eles e disse “Então, eu arranjo maneira de vos ensinar.”. E a diretora da Cáritas na altura, que ainda é a mesma, a doutora Clara, em setembro telefonou-me...foi em junho (referindo-se ao pedido das pessoas para ensinarem música) ... “professor Carlos, o professor prometeu que ia fazer um projeto, estou-lhe a ligar para combinarmos uma reunião para fazer o projeto.” [...] Fui lá e não tinha ideias nenhuma..., sabia o que era fazer animação, pensei que realmente teria competências para fazer essa animação musical e para ajudar, mas não tinha noção se era aulas, se era para ensinar não tinha a noção. Mas tivemos uma reunião com a psicóloga, com a assistente social e com a coordenadora do Centro Social de S. Francisco Xavier e decidimos que iria ser um projeto de intervenção, em que eu tinha “guarda-costas” que eram a psicóloga, a assistente social... porque aquilo era uma comunidade muito violenta na altura. E efetivamente eram. As primeiras sessões eram bastante agressivas, era uma lógica quase de gang na rua. Muitas vezes as pessoas que vivem na rua sobrevivem submetendo-se à lei do mais forte. Há alguém que é o líder daquela região e as pessoas submetem-se a esse nível de autoridade que está instituída. Isso no início começou a acontecer na Cáritas nas sessões de música.

As sessões de música eram uma coisa muito simples, eu levava a guitarra, tocava com eles umas canções e depois se pedisse para alguém participar ou não eles olhavam para

essa pessoa ou para esses líderes de fora para ver se tinham consentimento para poder vir à frente ou não. Eu apercebendo-me disso, aquilo que eu pensei foi convidá-los um dia, falei com os dois, dei-lhes reconhecimento “você são pessoas importantes aqui, mas é importante que vocês dentro do vosso poder dessem oportunidade a outros, sendo magnânimos para que os outros também participem. Concordam com isso, não concordam com isso?”. Eles disseram que concordavam, que não havia problema nenhum, claro que sim. Portanto, deixaram de ter aquele lado agressivo, aquele olhar de eles terem de dar autorização. Isto foi umas das questões e a segunda seriam se poderiam tocar. Eles não se tocavam fisicamente, de todo. [...] Era mesmo um não tocar quase de repulsa/agressão e desconfiança e apercebi-me que uma das formas de poder desmontar isso era através da dança. Portanto, como é que se fazia? Combinei com a assistente social e com a psicóloga que cada um deles agarrava o par, um homem ou uma mulher e depois quando eu fizesse sinal eles trocavam e, de repente, estavam duas pessoas da comunidade a dançar consigo e a dançar com a psicóloga. E fizemos isso várias vezes, fomos por tentativas e aquilo dava mais ou menos 20 segundos até eles se aperceberem que estavam a ser enganados, ou seja, eles agarravam, dançavam e quando se apercebiam que estavam a dançar em conjunto saiam porque percebiam que aquilo era algo de novo que eles não estavam à espera. E fomos fazendo várias tentativas, aumentando o círculo e de repente já conseguimos ter danças. De 1 minuto. E depois a prática também faz com que as pessoas aprendam a gostar e aprendam a perder essa vergonha.

Entrevistador(a): Mas eram músicas que eles conheciam?

Carlos Xavier: Bailarico.

Intencionalidades e modos de trabalho

Entrevistador(a): [...] Que ateliê desenvolves com estes participantes e quais são as intencionalidades dos ateliês?

Carlos Xavier: Eu diria que a intencionalidade não é dos ateliês, mas do projeto em si. Ou seja, o projeto foi ganhando dimensão, foi uma dimensão que não foi projetada, parece uma redundância, não é? Mas efetivamente foi uma dimensão natural, ou seja, tem a ver com um conjunto de respostas aos pedidos que eu percecionei, o que é que eles gostariam. Primeiro começámos com a questão da música, da prática vocal e dentro deste cantar, vários modelos foram testados e adaptados. Começámos com canções tradicionais “Laurindinha vem à janela”, aquelas coisas todas e de repente, o grupo começou a aumentar, ampliar e depois começámos a cantar canções em inglês e depois de repente, as canções

já necessitavam de letra, porque as pessoas não sabiam, uns não sabiam ler, outros sabiam muito mal, depois havia questões de iluminação, depois do tamanho da letra para se colocar num A4, os formatos, etc.

Pronto, o que é que aconteceu? Perante isto das canções, e na altura havia também sessões de psicoterapia, portanto nós fazíamos, em conjunto com a psicóloga, sessões à sexta-feira de psicoterapia em que começámos a juntar música nessas sessões. E apercebemo-nos nessas sessões de psicoterapia que eles gostavam de dança mas também gostavam de teatro. Porquê? Porque nessas sessões, nós juntávamos histórias de vida que depois tentávamos dramatizar e incluir também a parte das canções e aí começámos a escolher as canções que faziam sentido dentro das suas histórias de vida. [...] Mas nessas sessões, apercebi-me que eles gostavam de drama e então convidei o Fernando Casaca, que era nosso colega da ESE para organizar um atelier de drama e assim fizemos durante um ano e aí aprendi uma questão que é a seguinte: para ser voluntário é preciso ter dinheiro, não chega só ter boa vontade. Esta questão “ah somos voluntários, fazemos isto, fazemos aquilo, damos o nosso tempo...” isso é tudo muito bonito, as pessoas ou têm dinheiro para poder abdicar do seu tempo ou então se não têm dinheiro têm de ir trabalhar e não têm tempo para fazer voluntariado. E isso aconteceu com o Fernando Casaca. [...] Ele teve de desistir, com muito custo nosso e dele, porque era uma experiência que para ele tinha sido muito importante, mas efetivamente tinha de sobreviver para viver e quem diz isso também diz um conjunto de outros músicos que foram passando, o caso do Zé Nobre na guitarra, o caso do Fernando Melina da percussão. Houve um conjunto de pessoas que se foram associando e vinham tocar pro-bonomas o problema tem a ver com quem pagava as portagens e quem é que pagava as alimentações [...].

Entrevistador(a): E dentro dessas intencionalidades como é que tu as consegues organizar/sistematizar?

Carlos Xavier: Bom, em sequência disso chegámos à conclusão que o drama não funcionava, mas que eles gostavam de fotografar. Eles gostavam de imagem, alguns tinham um pequeno telemóvel...mas gostavam e isso começou a ser falado. Gostavam de dançar, gostavam de fotografar e então falei com o Fernando Pinho e perguntei se ele não gostaria de abrir um ateliê de fotografia e o Fernando disse logo que sim, disse “olha não tenho tempo, mas sim”. E realmente não tinha tempo, mas ele arranja tempo não tendo. Também tem a ver com esta questão das boas vontades.

Entrevistador(a): Carlos e atendendo que, juntou-se aqui música, o drama durante um ano...

Carlos Xavier: Música, psicoterapia, a dança... depois a dança que era muito informal saiu, veio a fotografia com o Fernando Pinho (...) e apercebi-me que eles gostavam de desenhar e da plástica e então falei com a Maria José Brito, eu e o Fernando, lá a convencemos, ela não tinha tempo e ficou. Começou a trabalhar a questão do ateliê de pintura, trouxe materiais e etc... Depois, fizemos um protocolo com a ESE, que cedeu câmaras fotográficas cavaletes, alguns materiais e começámos a “utilizar” a ESE como apoio e suporte de materiais que não tínhamos. Perante isto, foi-se desenvolvendo e resolvi oferecer a minha bateria ao projeto, alguns outros instrumentos que eu tinha e levei o meu teclado, levei as colunas, microfones que a Cáritas não tem nada, andei para aí cinco ou seis anos a pedir material e não havia. Não desisti, fui fazendo peditórios à família e então quando chegava ao Natal pedi a toda a gente se podiam dar dinheiro ao projeto da Cáritas para eu comprar equipamento, e assim faziam. Dei o NIB e falei com a Cáritas sobre isso, pedi que passassem uma certificação de como tinham recebido esse dinheiro e então a minha família todos os anos ia dando dinheiro e esse dinheiro serviu para pagar as exposições de pintura. [...] Entretanto os Lions (Club) também ofereceram dinheiro e também foi utilizado. Havia um projeto em Setúbal que era o Recriar-se e telefonaram para a Cáritas a dizer o seguinte “olhe, temos 100 mil euros para gastar, apresente qualquer coisa e nós damos o suporte que for preciso, mas isto tem de ser aprovado.” (...) A Dr^a. Clara telefonou-me e disse “professor, como é que é, temos aqui isto e tal, tem de ser para já”, “então se tem de ser para já vamos inventar coisas com sentido. Então qual foi o sentido? Foi em primeiro lugar comprar equipamento bom... aconteceu isso para o equipamento fotográfico, para a plástica e permitiu à Cáritas, que tinha de entrar com 50% da verba, colocar lá o Henrique Silva e contratar mais alguém, que foi a Lili, para dar os tais 50%, e ele ficar alojado ao projeto e o resto do dinheiro foi para o projeto de investigação e pela aquisição do equipamento. Portanto, no meio disto tudo, a aquisição do equipamento foi 25% do projeto todo, aliás foi menos, foi 12,5%. Mas isto também faz parte dos projetos, que é “temos uma grande ideia” e gasta-se o resto em tudo menos naquilo que é o projeto, mas isso são outras questões que têm a ver com as formulações dos projetos.

O projeto de investigação deu origem a quê? A que estas ideias todas que eu tinha tido pudessem ser implementadas. Em que é que isto deu? Deu para abrirmos um laboratório de instrumentos, em que eles podem aprender e estão a aprender a tocar guitarra, cavaquinho, ukeleles, etc. Temos um laboratório de voz em que eles desenvolvem individualmente competências artísticas que não podem ser desenvolvidas nas sessões de música, temos sessões de karaoke uma vez por semana, em que eles trabalham de uma forma mais

informal canções e etc (...) O objetivo no fundo é sempre melhorar... retirar do sistema as “gorduras” que estão ali a mais.

Depois para além disso, na parte da fotografia, para além das saídas com mais equipamentos, temos um centro com um computador e software de edição que permite a cada um deles, com o Fernando, começar a olhar as coisas com uma outra perspetiva e começar a manipular e a tomar decisões conscientes, isso também acontece dentro da música, na interpretação, nas canções, na maneira como gravam em estúdio com os headphones, como se ouvem, há aqui um outro conjunto de coisas que têm sido desenvolvidas. E depois começou a banda Garum. Começou porquê? Porque dentro do laboratório estavam a tocar guitarra ou ukeleles e isso também o processo tem vindo a ser transformado porque começámos com uma banda, depois havia uns que trabalhavam mais e depois vinham os outros que não sabiam e atrasavam tudo e depois os que trabalhavam mais ficavam desmotivados. Então organizei aquilo coloquei o assistente a tocar percussão, comecei a ensinar baixo à L. [...], e já está a tocar baixo e depois coloquei os outros na guitarra, na voz, o que era o baixista tocava muito mal passou para a voz e eu também cantei e levei a minha guitarra para que eles depois pudessem tocar por imitação (p. ex. olham para ver as posições, etcetera e depois começaram a aparecer mais pessoas de fora a perguntar se podiam vir assistir e então assistiam por fora e percebi que podíamos fazer uma roda em que quem assistia ficava no meio de cada músico, um bocado como as rodas de choro como se faz no Brasil, algo que é comunitário em que estão os músicos e as pessoas juntos e de repente está tudo a cantar, o que faz com que os músicos deixem de ser os músicos e que sejam quem está a liderar a sessão. Eu nunca tinha feito isto e pegando naquelas pessoas uma maneira de as envolver era fazer essa roda comunitária e agora as sessões são todas feitas desta maneira: ficam em círculo, tocam para o círculo, mas quem está de fora também faz parte do círculo. Todo este processo é um processo muito dinâmico. Nada é garantido. É algo que subsiste pela motivação, pela empatia e pela confiança. Ou seja, as pessoas se se sentirem bem ali permanecem, é um local em que se sentem seguros, estão confiantes, não se sentem expostas, aquilo adiciona-lhes alegria, bem-estar. Se alguma destas premissas...ou então se estão sob o efeito de metadona, se lá fora a coisa correu mal, andaram à pancada, falaram com alguém que lhes deu uma resposta que não gostaram ou qualquer coisa assim, mexe logo em toda a forma como aquele círculo funciona.

Entrevistador(a): [...] Como é que tu promoves, nos ateliês que dinamizas a motivação e o envolvimento dos participantes?

Carlos Xavier: É um processo que nem sempre tem sucesso. Nós não somos sempre consensuais, não conseguimos chegar às pessoas da mesma maneira e muitas vezes para quem vem de fora, a forma como eu falo...eu sou muito direto, mas ao mesmo tempo tento brincar no sentido de retirar essa seriedade que às vezes nós atribuímos às questões e principalmente relacionadas com o insucesso da canção, ou de cantar, porque ninguém gosta de falhar perante o outro e muitas vezes eu corrijo essas coisas que têm que ver com a postura, com o olhar e eu imito-os na brincadeira para eles perceberem aquilo que não devem fazer e felizmente tem corrido bem, menos numa pessoa que correu mal (...). E aí eu percebi que tenho de ter algum cuidado porque não somos todos iguais e por vezes falamos de uma maneira e achamos que é normal porque somos assim, mas nem sempre o ‘ser assim’ resulta e nesse aspeto eu também estou sempre a tentar melhorar as minhas práticas com o objetivo de que no fundo a minha capacidade de comunicação esteja cada vez mais clara com o intuito de chegar às pessoas e que isso seja algo que seja aceite e que seja recíproco.

Entrevistador(a): Carlos, podias dizer muito sucintamente, quais são as principais intencionalidades que tu tens na banda. O que é que tu pretendes fazer com estas pessoas neste atelier?

Carlos Xavier: Eu não pretendo nada, a questão é o que é que eles pretendem. Aquilo que eu faço é a gestão do projeto e das suas competências artísticas e musicais. Eu não pretendo sair com eles para fora e mostrar que eles conseguem fazer isto e aquilo. Aquilo que eu pretendo é que eles artisticamente se desenvolvam. Eu confio naquelas pessoas como confio noutras. São pessoas que embora alguns possam estar em condição de sem abrigo, têm competências tão boas ou melhores do que pessoas que não estão nessa condição. Não têm as mesmas oportunidades que outras pessoas têm. O que eu tento fazer é dentro das minhas limitações de tempo sempre que estou com eles dou o meu máximo [...]. E aí tem a ver com as metodologias e com as técnicas de ensaio e como trabalhar a memória, dividindo frases em células e como é que se resolve um erro [...]. Isto tem a ver já com um conjunto de práticas já ao longo dos anos que depois se quiserem posso falar sobre isso.

[...]

Se dentro dessa intencionalidade artística isso for atingido e se essas pessoas quiserem apresentar publicamente, então ganha-se uma outra intencionalidade que é chegarmos à comunidade, porque eles sentem-se confortáveis para isso e agora até podemos participar

num concerto e convidar outras pessoas a tocar. Mas antes de fazermos isso, vamos convidar essas pessoas de fora para virem tocar connosco, porque é importante e esse também foi o motivo da aquisição dos equipamentos todos, é que eles se sentissem em casa.... Por isso é que temos luzes, microfones, mesa de mistura, colunas, tudo, e que sempre que quisermos sair podemos levar o nosso equipamento e eles estão sempre confortáveis porque todos os dias trabalham com eles. No fundo, aquele espaço é a casa deles, o palco deles e nós podemos transportar o palco para onde quisermos. [...] E Perante esta lógica é isso que eu tento desenvolver com eles: é transformar a casa deles num espaço extremamente confortável em que eles se podem expressar o melhor possível. A partir do momento, dentro dessa intencionalidade, o Projeto vai ganhando outras dimensões, naturalmente surgem outros desafios.

Os projetos artísticos e os contributos pessoais e sociais

Entrevistador(a): No teu entendimento, quais têm sido os principais contributos do Recriar-se, tanto ao nível do desenvolvimento pessoal e social dos participantes, como ainda no desenvolvimento artístico e criativo.

Carlos Xavier: A nível pessoal tem a ver com questões de autoestima, autoconfiança, autoimagem, felicidade, alegria, o bem-estar. [...] Do lado social tem a ver com a questão da cooperação, da solidariedade, da partilha, o aceitar receber do outro. Portanto, há aqui um conjunto de questões...até o enfrentar a sociedade externa quando nós vamos para fora fazer apresentações, quando eles vão fazer fotografia e eles entram num café, mas como projeto e não individualmente...e não individualmente porquê? Porque se aquelas pessoas entram num café ou num restaurante são escoraçadas, mas muitas vezes eles vêm connosco e nós com eles e isso também lhes dá uma ligação com a comunidade e a forma como a própria comunidade olha para eles [...]. Já atuámos em hotéis, na ESE, na cidade, em que de repente os olhares começam a ser de desconfiança e depois fortalece-se ali uma relação. Uma vez uma senhora que era prostituta e foi ao banco e a senhora do banco reconheceu-a como cantora e não como prostituta e ela disse-me ‘olhe professor, foi a primeira vez que me senti pessoa, que me trataram como pessoa e não como prostituta’, ou seja, dentro destas relações sociais, há aqui um conjunto de fatores que vão sendo desenvolvidos. É um processo longo em que cada um vai crescendo à sua velocidade e na sua possibilidade.

[...]

O desenvolvimento das competências artísticas é enorme. Ainda hoje tivemos uma sessão de música e foi mesmo uma coisa muito especial, porque está tudo sempre ligado com o sucesso e a confiança e a minha interpretação do sucesso é trabalhar com eles com objetivos que eles consigam atingir. Ou seja, eu discuto com eles onde querem ir, de que forma querem ir e vou orientando de forma a que eles consigam concretizar uma canção ou até pode ser só uma frase, mas aquela frase tem de ter tudoComo eu lhes digo ‘é como se o mundo fosse acabar amanhã, porque isto é para as pessoas, vocês têm de mostrar tudo o que vocês têm, toda a vossa cultura tem de estar naquela frase [...] e a partir daí eu vou trabalhando as questões artísticas da interpretação, da afinação, da adequação do tom, etc. [...] Nós temos os registos de como iniciaram e como é que neste momento estão, mas neste momento não estão lá em cima, estão no meio do percurso, não sabemos se é o fim, isto tudo depende.

Quem assiste sabendo o que é competência artística, dimensão artística, obviamente reconhece que ali há estas dimensões. Porquê? Também porque existe equipamento e o equipamento é importantíssimo nestas questões artísticas, porque se nós não nos ouvirmos, se não gravamos para podermos observar os erros não conseguimos corrigir uma coisa pois não temos maneira de fazer o *tracking* histórico do que é que aconteceu.

Olhares sobre o trabalho e o Projeto

Entrevistador(a): [...] Como é que tu avalias a tua participação no Recriar-se? Os aspetos que tu consideras bem conseguidos, os aspetos que podem ser melhorados, os desafios...

Carlos Xavier: Se fosse um falso humilde diria que foi mais ou menos, mas eu avalio muito bem. Sei que o que estou a fazer tem a ver com a minha competência, com a minha capacidade e com a minha disponibilidade, mas também sou uma pessoa muito autoconfiante e sei bem porque é que aquilo tem este sucesso. Também tem a ver com a transposição de técnicas de ensaio que eu utilizava em produção musical com artistas para este projeto e era aquilo que estávamos a falar da questão da metodologia, se quiséssemos ir por aí. Isto funciona aqui porque existe uma metodologia de trabalhar artisticamente os projetos e as competências individuais para atingir um fim. [...] Isto de ser artista e ter esta dimensão de concerto implica regra e competências muito grandes. Uma delas é a competência de executar perante o stress e uma das coisas que eu faço é trabalhar o stress com eles [...].

[...]

Entrevistador(a): Em relação à tua participação no projeto, quando olhas para trás, o que é que foi para ti o maior desafio?

Carlos Xavier: Os desafios são todos os dias, eu não consigo tipificar qual foi o maior desafio. Talvez o maior desafio tenha sido combater a resistência da instituição e os modos de trabalhar e de se relacionarem com as pessoas segundo os preconceitos que havia e os estigmas que eram demonstrados nesse relacionamento que ainda existem, mas cada vez menos.

[..]

Eu avalio muito bem a minha participação, por todos os motivos que são: pela sorte que tenho de trabalhar com pessoas de que gosto que é o caso do Fernando Pinho, da Maria José e agora convosco e com o António Vasconcelos já há muito tempo e isso é uma sorte, mas avalio muito bem porque isso também me favorece, estar com pessoas boas também ajuda o meu desempenho e a minha motivação.

Como é que eu projeto o futuro? [...] As coisas baseiam-se na relação e na confiança e no bem-estar, a partir do momento em que a confiança é quebrada ou o bem-estar é quebrado as pessoas deixam de ir lá. Aquelas pessoas não vão lá porque vão aprender artisticamente, as pessoas vão lá porque se sentem bem em estar naquele espaço e se sentem confiantes e é uma forma de não estarem na rua e de se sentirem úteis. [Assim], o futuro, não diria que a Deus pertence que vocês são da ciência, mas não sei. [...]

Entrevistador(a): Neste momento, como é que tu avalias os principais contributos do Recriar-se para a comunidade?

Carlos Xavier: Tem trazido muita coisa. Primeiro tem ajudado pessoas a reintegrá-las, temos alguns casos, que não só do projeto, mas que constituíram família, casaram-se, há uns que já têm filhos, têm emprego e que perderam um bocado desse estigma do sem abrigo. Um outro lado foi perante a sociedade de Setúbal. Há agora uma visão mais externa muito mais tranquila perante estas pessoas pelo facto de aparecerem em programas de televisão, de cantarem, de fazerem teatro, exposições de fotografia, que já fizemos na Casa da Cultura, no Fórum Luísa Todi, na ESE. Por exemplo, os arrumadores de carros que estão no Fórum Luísa Todi já foram cantar ao palco e as pessoas que davam moedinhas para arrumarem os carros estavam agora a servi-los nos camarins. E isto faz com que as relações entre esta comunidade e a comunidade externa tenham sido fortalecidas. Esta é uma das vantagens. As outras são as vantagens da dimensão da disseminação para fora da cidade de Setúbal e dentro do país e também para fora através das participações em seminários que têm dado a conhecer uma realidade que como o António diz ‘se não

se produzir conhecimento ficamos só no campo das intenções'. Portanto, é importante que os outros também vejam, observem, estudem, validem e observem as metodologias e encontrem coisas que se possam melhorar. Isto no fundo é um processo que daqui a 10 anos pode ganhar uma dimensão muito interessante, mas neste momento a dimensão que tem é muito interessante porque já ultrapassou o que se pretendia desde o início.

Entrevistador(a): Se pudesses caracterizar o Recriar-se numa frase só, o que dirias?

Carlos Xavier: É um espaço de partilha.

Nota curricular do entrevistado

Carlos Barreto Xavier, iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Música da Covilhã, tendo posteriormente prosseguido no Instituto Gregoriano de Lisboa e no Conservatório Nacional de Lisboa. Licenciado em Educação Musical para o Ensino Básico e o mestre em Ensino de Educação Musical pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, onde é docente. Participa em missões de internacionalização com projetos de inovação pedagógica e é autor de artigos e comunicações científicas. Desenvolve atividades de divulgação científica como coorganizador e promotor de eventos científicos nacionais e internacionais e colabora como especialista com entidades e instituições externas no âmbito do PALOP. Desenha e promove projetos artísticos e de inclusão social, em regime de voluntariado, com a Universidade Sénior do Montijo, a APPACDM e com a Cáritas Diocesana de Setúbal no Projeto Recriar-se. Tem desenvolvido uma intensa atividade artística como compositor, produtor, orquestrador e diretor musical, tendo trabalhado com António Chainho, Marta Dias, Katia Guerreiro, Hands on Approach, Santos e Pecadores, Anjos, Delfins, Ritual Tejo, Radiophone e Passione.

António Ângelo Vasconcelos, Licenciado em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa, Doutorado em Educação, pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e professor coordenador na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Investigador no CIPEM. Coordenador do projeto de investigação "Investigar e avaliar o projeto ReCriar-Se".

Ana Luísa Oliveira Pires, licenciada em Psicologia pelo ISPA, mestre e doutora em Ciências da Educação pela FCT-UNL e Pós-Doutoramento em Ciência de Educação (FPCE-UL). Investigadora no CICS.NOVA, professora coordenadora na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Membro do projeto de investigação "Investigar e avaliar o projeto ReCriar-Se".

Gina C. Lemos, licenciada e doutorada em Psicologia, com pós-doutoramento em Ciências da Educação pela Universidade do Minho. Membro do CIEd - Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho. Membro do projeto de investigação "Investigar e avaliar o projeto ReCriar-Se"